

Rosemary Lapa de Oliveira

# Chegou a hora de contar histórias!



*Chegou a hora de  
contar histórias!*



## Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Adriana Marmorini Lima  
**Reitora**

Dayse Lago de Miranda  
**Vice-Reitora**



## Editora da Universidade do Estado da Bahia - EDUNEB

**Diretora**  
Elisângela Santana dos Santos

### Conselho Editorial

#### Titulares

Marluce Alves dos Santos  
Josilda Batista Lima Mesquita Xavier  
Astria Dias Ferrão Gonzales  
Emanuel Ernesto Fernandes Santos  
Nilson Roberto da Silva Gimenes  
Alan da Silva Sampaio  
Raimundo Claudio Silva Xavier  
José Ernane Carneiro Carvalho Filho  
Carla Severiano de Carvalho  
Paulo César Souza García  
Léa Costa Santana Dias  
Elzicleia Tavares dos Santos  
Marineuza Matos dos Anjos  
Michael Daian Pacheco Ramos

#### Suplentes

Angelita de Souza Leite  
Francisco Hilder Magalhães e Silva  
Hilda Silva Ferreira  
Marcos Antônio Vanderlei Silva  
Monica Matos Ribeiro  
Sandro dos Santos Correia  
Nilvo Luiz Cassol  
Marilecia Oliveira Santos  
Lise Mary Arruda Dourado  
Sílvio Roberto dos Santos Oliveira  
Cláudia Martins Moreira  
Paulo Sérgio Dantas Vasconcelos  
Antonieta Miguel  
Márcia Torres Neri Soares

Rosemary Lapa de Oliveira

# *Chegou a hora de contar histórias!*

Salvador

Eduneb

2025

© 2025 Autora

Direitos para esta edição cedidos à Editora da Universidade do Estado da Bahia.  
Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma idêntica,  
resumida ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.  
Depósito Legal na Biblioteca Nacional.

**Coordenação Editorial**

Elisângela Santana dos Santos

**Coordenação de Design**

Sidney Silva

**Capa e Diagramação**

Ilário Bortoloso Junior - Tikinet

**Revisão Textual e Normalização**

Tikinet

**Imagem de Capa**

Rosemary Lapa de Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP  
Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154

Oliveira, Rosemary Lapa de  
Chegou a hora de contar histórias! / Rosemary Lapa de Oliveira. – Salvador:  
EDUNEB, 2025.  
78 p.; il.

ISBN nº 978-85-85813-44-4

1. Educação. 2. Retórica. 3. Literatura. 4. Poéticas Oraís. 5. Contação de Histórias.  
6. Contador de Histórias. 7. Ensino e Aprendizagem de Contação de Histórias.  
8. Formação Docente. 9. Processos Formativos. 10. Performance. I. Título.

CDD 370:808

Editora da Universidade do Estado da Bahia – EDUNEB  
Rua Silveira Martins, 2555 – Cabula  
41150-000 – Salvador – BA  
editora@listas.uneb.br  
portal.uneb.br

Esta Editora é filiada à



Associação Brasileira das  
Editoras Universitárias

## SUMÁRIO

<b>SOBRE A AUTORA</b>	<b>07</b>
<b>PRIMEIRAS PALAVRAS</b>	<b>08</b>
<b>ERA UMA VEZ, ASSIM VAI COMEÇAR...</b>	<b>11</b>
<b>QUEM CONTA UM CONTO...</b>	<b>15</b>
<b>O CONTO</b>	<b>17</b>
<b>DE ONDE VÊM AS HISTÓRIAS?</b>	<b>22</b>
QUEM PERDE O CORPO É A LÍNGUA	<b>23</b>
<b>LER OU CONTAR?</b>	<b>26</b>
VAMOS FAZER UMA PESQUISA?	<b>27</b>
<b>A AÇÃO TERAPÊUTICA/ARTÍSTICO/PEDAGÓGICA DE CONTAR HISTÓRIAS</b>	<b>28</b>
CONTAR HISTÓRIAS E DOCÊNCIA	<b>32</b>
MAPA MENTAL DE HISTÓRIAS/SENSAÇÕES, SENTIMENTOS	<b>34</b>
<b>PERFORMANCE: COMO CONTAR HISTÓRIAS?</b>	<b>35</b>
<b>ENCONTRANDO SUA IDENTIDADE DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS</b>	<b>38</b>
HORA DA PESQUISA!	<b>38</b>
<b>PREPARANDO A CONTAÇÃO</b>	<b>40</b>
A MENINA ENTERRADA VIVA	<b>40</b>
ENSAIO – DINÂMICA DO ESPELHO	<b>44</b>
DURANTE A CONTAÇÃO/LEITURA	<b>44</b>
APÓS A CONTAÇÃO/LEITURA	<b>47</b>
O RATINHO, O GATO E O GALO	<b>48</b>
<b>AINDA SOBRE PERFORMANCE</b>	<b>51</b>
<b>APETRECHOS E AMULETOS</b>	<b>55</b>
<b>CRIAR UM CENÁRIO</b>	<b>58</b>
HORA DE SOLTAR A IMAGINAÇÃO	<b>60</b>

<b>CONSTRUINDO REPERTÓRIO</b>	<b>61</b>
VAMOS À PESQUISA	62
<b>RELAÇÃO HISTÓRIA E FAIXA ETÁRIA</b>	<b>63</b>
PRIMEIRA INFÂNCIA (ATÉ 3 ANOS, OU FASE-PRÉ-MÁGICA)	64
PRIMEIRA INFÂNCIA (3 A 7 ANOS OU FASE MÁGICA)	65
IDADE 3 A 5 ANOS	65
IDADE 5 A 7 ANOS	66
FASE ESCOLAR (7 A 10 ANOS)	67
FASE ESCOLAR (11 ANOS EM DIANTE)	68
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>69</b>
<b>APÊNDICE</b>	<b>74</b>
<b>MINICURRÍCULO</b>	<b>77</b>

## SOBRE A AUTORA

Esta é uma obra didática destinada a orientações de formação docente para a ação de contar histórias como prática pedagógica, mas não apenas circunscrita à escola. A proposta é oferecer subsídios para a ampliação da formação docente, considerando a contação de histórias uma ação-reflexão-ação que potencializa a aprendizagem e aborda questões sempre desprivilegiadas na escola: autoconhecimento, identidade e subjetivação. A obra apresenta reflexões teóricas, dialogando com autores que pesquisam a contação de histórias e vivenciam essa ação em seu dia a dia, atrelando a essas reflexões teóricas ações práticas de envolvimento com o texto, seja da literatura ou das poéticas orais, protagonizadas por gente que escreve ou gente que guarda as tradições na memória. Todas essas histórias que nos atravessam enquanto seres humanos e que nos fazem ser quem somos. E está aí a grande relevância da abordagem da contação de histórias no exercício docente.

## PRIMEIRAS PALAVRAS

Histórias promovem autoconhecimento, pois o contato com sentimentos e conflitos das personagens, sejam elas fictícias ou verossímeis, faz com que reflitamos sobre nós mesmos e tenhamos empatia. E isso acontece com histórias de todas as culturas, não importa como são apresentadas, como se parecem as personagens, todas elas carregam formas de ser, de agir e de lidar com sentimentos que provocam aprendizagens para quem ouve/conta ou para quem escreve/lê.

Esse é um dos motivos pelos quais a ação de contar histórias e de ouvi-las precisa estar na formação docente, uma vez que é parte inerente ao currículo, no movimento de que aprendemos conhecimentos escolares para sermos pessoas melhores. Os documentos oficiais brasileiros que organizam e orientam a educação são unânimes em defender essa ideia, mas esse não é o único motivo. Saber ouvir, saber encantar as palavras, as ideias, as histórias, ter empatia, dominar a arte da performance, estudar a história são mais alguns dos motivos pelos quais a arte de contar histórias precisa estar na formação docente.

Assim, este livro apresenta uma ação por si só interdisciplinar, educativa, cultural, científica e política que promove interação entre as diversas culturas, fazendo-nos conhecer o que pensam e sentem os diferentes povos, através das histórias que contam, para que, conhecendo suas formas de lidar com as situações, muitas vezes bem semelhantes às nossas, pacificam-se as dicotomias eu-eles que tantas desavenças provocam na forma de guerras, preconceitos e outras diversas discriminações.

Obviamente, contar histórias por si só ou contar histórias como uma ação pontual, com intuito de entretenimento apenas, raramente poderá tomar essas dimensões. O que se defende aqui é uma práxis voltada a um fazer pedagógico, que tenha em sua formação essa possibilidade de pensar o modo de se relacionar com o conhecimento já produzido pela humanidade e por aqueles que são privilegiados nos currículos.

Vem daí a ideia desta obra que, dialogicamente, apresenta um modo de reflexão didática sobre a arte de contar histórias e se direciona aos cursos de licenciatura de modo geral, pois a docência por meio da arte da contação de histórias se amplia e alcança quem as conta e quem as ouve, graças à oportunidade de discussão aprofundada sobre cidadania e como ela pode ser exercida plenamente em conjunto. Mas contar histórias não se restringe à universidade, amplia-se a outros setores da sociedade, a partir de projetos científico-culturais que prestam importante serviço à comunidade. Então, o conhecimento aqui acumulado pode também ampliar a formação do psicólogo, do cientista social, do agente cultural, e muito mais.

No final, resta perceber que as histórias ensinam (muito mais do que está na moral e de forma dialógica); as histórias entretêm (por meio de seu viés lúdico e ancestral) e as histórias são terapêuticas (no sentido em que nos sensibilizam a pensar de uma forma diferente ou experienciar situações para aumentarmos nosso repertório de sensações e sentimentos). Por tudo isso, merece e precisa fazer parte da formação docente, em todos os cursos de licenciatura, e precisa de mais e mais pesquisas na pós-graduação.

Este livro apresenta uma proposta dialógica de reflexão-ação-reflexão, com propostas de ações no formato de atividades a serem desenvolvidas e reflexões em caixas de textos (hiperlinks) que ampliam questões relevantes relacionadas à contação de histórias e o que a circunda. São levantadas questões teóricas sobre assuntos relacionados à temática abordada e, com intuito de reforçar aprendizados, são propostas atividades sempre variadas, no sentido de pôr em prática a teoria dialogada. Para isso, alguns textos da cultura popular são apresentados, além de pequenos textos autorais. Ao realizar as ações propostas, mais reflexões vão surgindo que dialogam com as seções que se sucedem.

Você perceberá que há citações a vários autores. O objetivo é que você possa aprofundar seus aprendizados em mais leituras, pois, contar histórias é ação que, ao demandar entendimento do texto, envolve muitos conhecimentos. Com as ideias trabalhadas aqui, você só inicia o caminho nesse emergente objeto de estudo, esse emergente campo epistemológico que tem sido a contação de histórias. Então, não deixe de explorar as referências.

No apêndice, você encontrará um pequeno glossário de gêneros textuais para a contação de histórias, ou seja, um conjunto de termos e seus significados. O livro foi pensado didaticamente para a formação relacionada à performance para a contação de histórias, então, mergulhe nas histórias e bons aprendizados.

Boas-vindas!

## ERA UMA VEZ, ASSIM VAI COMEÇAR...

Indícios antropológicos e arqueológicos sugerem que a espécie *Homo sapiens* conquistou o mundo há 70 mil anos, depois de milênios de existência de diversos homínídeos que foram, por diversos motivos, sendo extintos até sobrar apenas nossa espécie atual. Segundo Yuval Noah Harari (2017), isso se deu graças à capacidade de imaginar coisas que não existiam de fato. Ele chama isso de revolução cognitiva e defende que ela ocorreu por conta da capacidade do *Homo Sapiens* de contar histórias uns para os outros. Assim, podemos inferir que há aproximadamente 70 mil anos contamos histórias uns para os outros e passamos essas histórias de geração a geração. Somente há aproximadamente 44 mil anos começamos a reproduzir essas histórias nas cavernas, na forma de desenhos. Inventamos a escrita há aproximadamente 5 mil anos e a disseminação dos livros, nos quais foram registradas essas narrativas, só aconteceu por volta dos últimos 400 anos. Portanto, não é inverossímil concluirmos que contar histórias, extrapolando ou diversificando coisas que existem e não existem de fato, é o que nos torna verdadeiramente humanos.

**Figura 1** – Cueva de las Manos, río Pinturas, em Santa Cruz (Patagônia argentina)



Fonte: Wikimedia Commons (2005)

Desde a primeira história contada pelos primeiros homínídeos até hoje, nos meios digitais, as histórias vêm produzindo cultura, arte, ciência etc. Por meio delas, aprendemos sobre as coisas ao nosso redor, sobre a natureza, sobre as pessoas com as quais nos relacionamos, sobre como os indivíduos são diversos e sobre nós mesmos. Por conta disso, por falar muito sobre nós mesmos e ajudar a lidar com nossos sentimentos, sensações e nossa cidadania, as histórias continuam sendo uma força poderosa nos processos relacionais, principalmente de aprendizagens.

Na contramão desses acontecimentos ancestrais, a formação inicial para licenciatura nas universidades e faculdades brasileiras, de modo geral, pouca ou nenhuma atenção dão à arte-educativa da contação de histórias, mesmo porque há uma separação errada na nossa sociedade atual entre arte e ciência, como se fossem coisas bem distintas. Dessa maneira, a formação para as licenciaturas se aparta das artes, incluída a arte da narrativa. Atento a essa lacuna e considerando importante preenchê-la, este material didático intenta levantar reflexões sobre esse fazer tão antigo quanto a humanidade, e que chega aos dias atuais ainda cheio de significados e preche de possibilidades para a ação docente, desde as creches até as pós-graduações, passando por todos os segmentos de ensino. Sendo, como assevera a saudosa Betty Coelho: uma arte sem idade.

Desde tempos imemoriais, ouvimos e contamos histórias e, até hoje, povos e culturas, de diferentes épocas e regiões do mundo cultivam a prática de elaborar e compartilhar narrativas. Segundo Harari (2017), contar histórias nos fez a raça humana que somos hoje em dia. Concordando com ele, podemos perceber isso, pois, por meio delas, aprendemos mais sobre nós mesmos e sobre o mundo à nossa volta, percebendo, conforme defende Ailton Krenak (2022, p. 32), que tudo é parte da mesma metade de nós.

Daniel Munduruku (2015), um estudioso indígena da tradição da contação de histórias, narra que havia questionado sua avó sobre os segredos do mundo e, por conta disso, um dia, ela o levou até a curva do rio para lhe passar alguns ensinamentos. A senhora, então, teve uma conversa com ele, mais ou menos assim:

- Meu neto é curioso e isso é bom! Os curiosos sempre encontram o que procuram. Nosso povo sabe de onde veio. Sabe para onde vai. Tudo isso

está escrito na tradição de nossa gente, desde o começo dos tempos. Tudo está escrito na natureza. É preciso apenas saber ouvir.

Ele ficou maravilhado com as palavras da avó e sua sabedoria e perguntou o que ele deveria fazer para aprender também. Ela respondeu:

- Não sei. Cada pessoa aprende o que precisa para viver bem. Aos poucos, você será conduzido aos conhecimentos que precisa. O que você deve agora é treinar os sentidos, ouvindo os sons da tradição. Tem que ouvir histórias de antigamente (Munduruku, 2015, p. 23).

Munduruku traz, em seu texto, uma questão importante para o campo da contação de histórias que é o **saber ouvir**: para aprender a contar histórias é preciso, antes, saber ouvir histórias e estar atento a ouvir o que as pessoas dizem sobre si e seu dia a dia.

Ouvir, nesse sentido, não se restringe ao funcionamento do aparelho auditivo. Refere-se à ação de prestar atenção quando alguém fala, é empatia e respeito com quem se comunica, seja de forma verbal ou gestual.

Ouvir os mais velhos, os antigos, é uma tarefa importante que a nossa cultura tem deixado de lado, por causa das urgências cotidianas. Mas, no processo de formação para a contação de histórias é importante aprender a ouvir. Por isso, nossa primeira atividade será uma pesquisa. Procure saber de seus mais velhos: pais, avós, bisavós, que histórias eles costumavam ouvir quando crianças e que histórias gostam ou gostavam de contar. Anote abaixo a história relatada.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---



Dizem que, quando um velho morre, é uma biblioteca que se queima. Para que nossas bibliotecas vivas não se queimem, é necessário ouvi-las.

Compartilhe as histórias, conte aos colegas, às crianças, aos idosos, contar histórias atinge todas as idades.

## QUEM CONTA UM CONTO...

Após a primeira grande guerra do século XX, o filósofo alemão Walter Benjamin (2020) escreveu um texto no qual, aparentemente, declara o fim do contador de histórias. Ele levanta como argumento que a principal ação do contador é a troca de experiências, pois a transmissão de forma oral traz todas as vivências de quem contou a história anteriormente. Isso porque as narrativas, contendo ou não elementos mágicos e fantásticos, baseiam-se em pessoas reais, passando por situações cotidianas. Para ele, quem sabe ouvir, com atenção, os eventos que ocorrem ao seu redor é capaz de contar de forma lúdica e mais acessível as histórias vivenciadas. Desse modo, nascem as histórias antigas e as atuais. Enfim, esse autor declara que contadores de histórias estarão sempre presentes entre nós, pois contá-las é criar e alimentar o imaginário, abrangendo o consciente e o inconsciente, para todas as pessoas, em todas as idades, em todos os povos e culturas.

No século XXI, essa arte tem ocorrido não só em escolas, palcos, praças, hospitais, asilos e lares, ela ocorre, também, nas mídias digitais. Hoje existem vários tipos de contadores de histórias e o seu papel é sempre significativo, mas cada um tem sua maneira própria de contá-las. Para Frederico Fernandes (2015, p. 113) “Todos contam histórias. O corpo conta uma história: traz em si posturas, estilos e cicatrizes que revelam quem o sujeito é para o mundo [...]”.

Quais histórias você ouviu quando criança e ainda reverberam em sua mente? De quem você as ouviu? Como foi a experiência? Preencha o quadro abaixo com pelo menos duas experiências de escuta de histórias, escolha as mais significativas. Troque experiências de escuta de histórias com seus colegas e reflitam sobre semelhanças e diferenças percebidas. Tente escrever de memória algumas dessas histórias e compartilhe para ampliar repertório.

Histórias ouvidas na infância	Quem as contou	Como foi a experiência

## O CONTO

Hampâté Bâ (2010, p. 221), um pesquisador africano, ensina que um conto de tradição oral pode ser entendido em vários níveis, cada qual com sua própria relevância: “**No primeiro nível**, o conto é puramente recreativo e seu objetivo é divertir e distrair crianças e adultos”, diz ele. Efetivamente, uma história faz isso, ela possibilita experimentar o prazer de entender o mundo e a existência por meio de imagens mentais, que nossos cérebros produzem ao ouvir os contos, nos levando a imaginar outras realidades e, assim, respeitar diferenças.

Ainda segundo o autor, em um **segundo nível**, para as crianças que escutam e recontam histórias, o conto constitui, também, uma forma de aprendizagem da língua através da oralidade, desenvolvendo mecanismos do pensamento, de forma simultânea e de modo interrelacionado, logo a partir dos primeiros anos de vida e em contextos reais de cada criança.

No **terceiro nível**, por meio das histórias vividas pelas personagens, encontramos um suporte de ensinamento para a iniciação às regras morais, sociais e tradicionais da sociedade, uma vez que revela o comportamento ideal de um ser humano no seio da família ou da comunidade. Afinal, as histórias refletem a sabedoria ancestral, sendo porta-vozes das memórias, das tradições e do imaginário dos grupos dos quais se originaram e fundamentam valores a serem aprendidos.

Por fim, destaca ele, o conto ilustra as atitudes a imitar ou a rejeitar e as etapas a vencer, quando se está engajado no difícil caminho da conquista e da realização de si mesmo.

Coelho (2012) apresenta as 31 funções derivadas das invariantes e variantes dos contos maravilhosos, propostas por Propp no início do séc. XX. Ressalta que algumas se justapõem e propõe uma redução para seis funções. São elas:

1. Uma situação de crise ou mudança: toda efabulação dos contos maravilhosos tem como motivo desencadeante uma situação de

- desequilíbrio da normalidade, a qual se transforma em desafio para o herói;
2. Aspiração<sup>1</sup>, desígnio<sup>2</sup> ou obediência: o desafio é aceito pelo herói como ideal, aspiração ou desígnio a ser alcançado;
  3. Viagem: a condição primeira para a realização de iniciar a aventura é sair de casa [ou da zona de conforto]: o herói empreende uma viagem ou se desloca para um ambiente estranho, não familiar;
  4. Desafio ou obstáculo: há sempre um desafio à realização pretendida, ou surgem obstáculos aparentemente insuperáveis que se opõem à ação do herói;
  5. Mediação: surge sempre um mediador entre o herói e o objetivo que está difícil de ser alcançado, isto é, surge um auxiliar mágico, natural ou sobrenatural, que afasta, neutraliza os perigos e ajuda o herói a vencer;
  6. Conquista: finalmente o herói vence ou conquista o objetivo almejado (via de regra, casa-se com a princesa [nos contos eurocentrados, em outros contos, de outras culturas, nem sempre esse é o desfecho]). (Coelho, 2012, p. 119, acréscimo nosso).

Para entender bem as histórias, a ponto de contá-las como se as tivesse vivenciado, é preciso estudá-las. Por isso, a tarefa agora será ler o conto e perceber suas nuances, conforme a visão dos autores acima.

Deleite-se com esse conto popular de Pernambuco, depois vamos analisá-lo por meio das ideias apresentadas acima.

Havia dois homens, um rico e outro pobre, que gostavam de pregar peças um ao outro. Foi o compadre pobre à casa do rico pedir um pedaço de terra para fazer uma roça. O rico, para fazer peça ao outro, lhe deu a pior terra que tinha. Logo que o pobre teve o sim, foi para a casa dizer à mulher, e foram ambos ver o terreno.

Chegando lá nas matas, o marido viu uma cumbuca de ouro, e, como era em terras do compadre rico, o pobre não a quis levar para a casa, e foi dizer ao outro que em suas matas havia aquela riqueza. O rico ficou logo todo agitado, e não quis que o compadre trabalhasse mais nas suas terras.

1 "FIG. Desejo forte de atingir um objetivo, realizar um sonho ou ambição etc." (Aspiração, 2015).

2 "Intenção de realizar algo; propósito". ([inspirado por alguma entidade fora de si mesmo] Desígnio, 2015).

Quando o pobre se retirou, o outro largou-se com a sua mulher para as matas a ver a grande riqueza.

Chegando lá, o que achou foi uma grande casa de marimbondos; meteu-a numa mochila e tomou o caminho do mocambo do pobre, e logo que o avistou foi gritando: “Ó compadre, fecha as portas, e deixa somente uma banda da janela aberta!”

O compadre assim fez, e o rico, chegando perto da janela, atirou a casa de marimbondos dentro da casa do amigo, e gritou: “Fecha a janela, compadre!” Mas os marimbondos bateram no chão, transformaram-se em moedas de ouro, e o pobre chamou a mulher e os filhos para as ajuntar.

O ricoço gritava então: “Ó compadre, abra a porta!” Ao que o outro respondia: “Deixe-me, que os marimbondos estão me matando!” E assim ficou o pobre rico, e o rico, ridículo. (A CUMBUCA de ouro e os marimbondos, c2017).

Conforme o que se discute acima sobre o funcionamento do texto, busque identificar no conto:

1. Se a situação apresentada é de:  
( ) crise ou ( ) mudança.  
Sublinhe a parte que justifica a sua resposta.
2. A personagem da trama aceita a jornada por:  
( ) Aspiração, ( ) desígnio ou ( ) obediência?  
O que o faz agir assim? Relate.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

3. Para iniciar a viagem, o herói deve sair da sua zona de conforto. Qual a zona de conforto do herói nesse conto? Essa seria uma zona de conforto para você também? Você teria o mesmo comportamento do herói do conto? Comente.

---

---

---

---

---

---

---

---

4. Que personagem você escolheria ser nesse conto? Qual você não gostaria de ser de jeito nenhum? Comente.

---

---

---

---

---

---

---

---

5. Quais foram os desafios e obstáculos enfrentados?

---

---

---

---

---

---

---

---

6. Quem fez a mediação no conto?

---

---

---

---

---

---

---

---

7. Segundo Hampâté Bâ (2010), por meio das histórias vividas pelas personagens, encontramos um suporte de ensinamento para a iniciação às regras morais, sociais e tradicionais da sociedade, uma vez que revela o comportamento ideal de um ser humano no seio da família ou da comunidade. O que podemos aprender com esse conto? O que você mudaria nele?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## DE ONDE VÊM AS HISTÓRIAS?

Era uma noite de Lua Nova, mas não havia nuvens no céu. A caça tinha sido boa e farta, alimentando todo o grupo que agora, de barriga cheia, ainda estava ali, em volta da fogueira, se protegendo do frio e de animais noturnos. Foi então que uma criança, que olhava admirada para o céu, voltou-se para um adulto próximo, talvez seu pai ou sua mãe, e perguntou:

- Que são aqueles brilhos lá em cima?

A pessoa não sabia ao certo, mas, com certeza, já havia pensado algo sobre isso e começou a contar a história de como tudo era escuro antes de existirem as estrelas...

(Texto autoral)

É bem provável que assim tenha começado a história das histórias. Bem provavelmente, depois de a barriga estar cheia, caçadores contavam suas façanhas de caça e... vocês sabem, quem conta um conto, aumenta um ponto. Então, ao invés de dizer que correu atrás da caça que subiu um morro, disse que escalou uma montanha e como um passarinho o ajudou a vencer a fera. Além das coisas do dia a dia, que viraram histórias interessantes, também os medos e angústias que fazem parte de nosso dia a dia e que nos assombram, começaram a serem ditas em volta da fogueira e, assim, foram perdendo a força de nos assombrar.

Fato é que o momento do surgimento ou o motivo exato jamais poderão ser resgatados, não há registros, mas sabemos que são extremamente antigas muitas das histórias que ainda hoje são contadas, e que ainda hoje ajudam a lidar com sensações e sentimentos que assombram nossas crianças.

Yong, uma escritora sul-coreana, produz contos fantásticos que abordam os medos e angústias das crianças na modernidade, os quais não se diferem muito dos assombros que angustiavam as crianças no passado. Ela fala dos pesadelos, de *bullying*<sup>3</sup>, da busca pela própria identidade.

<sup>3</sup> O *bullying*, também chamado de intimidação sistemática, é "todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas", conforme definido pela Lei nº 13.185/2015, que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying)". (Brasil, 2018).

Ela costuma dizer que “contos de fadas não são alucinógenos que semeiam sonhos, são estimulantes que despertam a realidade” (Yong, 2021), e conclui dizendo: “por isso, leiam muitos contos maravilhosos e acordem” (Yong, 2021), pois, um bom conto faz você encarar a realidade como ela é.

Não importa em qual região do planeta habitem, qual cultura ou que língua falem, pessoas ao redor do mundo, separadas geograficamente, culturalmente ou linguisticamente, têm histórias para contar. Basta chegar em algum local e perguntar quem ali é o contador ou contadora de histórias, e logo perceberemos que aquele povo tem histórias para contar.

E você? Qual a sua história?

Proponho agora um exercício a ser desenvolvido em duas partes:

1. Primeiro pense em uma situação comum de seu dia a dia. Por exemplo: você ficou sabendo que uma pessoa que gostava muito de mentir, se deu mal por causa de uma de suas mentiras.
2. Elabore uma história com esse fato, deixando-a mais interessante. Por exemplo, o conto africano:

## **Quem perde o corpo é a língua**

Conta-se em Angola que há muito tempo um caçador, voltando para sua aldeia, encontrou uma caveira num oco de pau. Assustado, olhou desconfiadamente de um lado para o outro, temendo alguma armadilha ou uma das muitas artimanhas dos espíritos que faziam da floresta o seu lar. Mesmo ainda muito espantado, tomou coragem e se aproximou para observar.

Nesse momento, a Caveira chamou-o e pediu:

– Chegue mais perto, caçador, que eu não morde, não!

Mas quem diz que ele a atendeu. Mais desconfiado do que propriamente assustado, o caçador ficou onde estava e somente depois de mais algum tempo juntou um restinho de coragem e perguntou:

– Quem a pôs nesse lugar, Caveira?

– Foi a Morte, caçador – apressou-se ela a responder.

– E quem a matou?

Enigmática, os olhos brilhando nas órbitas vazias, a Caveira voltou a responder:

– Quem perde o corpo é a língua!...

O caçador voltou para a casa e contou aos companheiros o que acontecera. Ninguém acreditou, mas conversa vai, conversa vem, a história da Caveira que falava no meio da floresta foi se espalhando, espalhando, até que muita gente dela falava. Dias mais tarde o caçador passou pelo mesmo pedaço escuro e sombrio da floresta e tornou a ver a Caveira no mesmo lugar, ajeitada caprichosamente num oco de uma enorme e igualmente assustadora árvore. Tornou a fazer as mesmas perguntas e, como era de se esperar, ouviu as mesmas respostas.

Mais que depressa o caçador correu para a aldeia e, todo orgulhoso de si mesmo, pois afinal era o único que encontrava e conversava com a misteriosa Caveira, teimou em contar a história aos companheiros. A verdade é que tanto ele contou que muitos começaram a ficar com raiva dele...

Afinal de contas, que Caveira era aquela que só falava com ele? E por quê? Seria mentira? Por fim, acabaram dizendo:

– Vamos ver essa tal Caveira de que fala tanto, mas ouça bem: se ela não disser coisa alguma que se pareça com tudo isso que você tem dito a nós, vamos lhe dar lá mesmo a maior surra de pau que você já levou pra deixar de ser mentiroso, ouviu bem?

Certo de que a Caveira não o decepcionaria, mais do que depressa o caçador os conduziu até a sua estranha companheira. Vendo-a, apressou-se em lhe fazer as tais perguntas de que tanto falara, mas a Caveira não murmurou sequer qualquer coisa. Calada estava, calada ficou. Mais o caçador perguntava e mais ela ficava calada. Nem um “ai”, quanto mais uma resposta.

Diante dos olhares ameaçadores dos companheiros, ele ainda tentou argumentar, dizer qualquer coisa, encontrar um jeito de...

Mas ninguém quis saber de conversa e muito menos de explicação. Caíram sobre ele com toda a raiva do mundo e deram-lhe uma grande surra. A maior que já levava.

Foram embora reclamando muito e gritando:

– Mentiroso!

Pobre caçador! Todo machucado, o corpo dolorido, ficou estirado no chão, gemendo, gemendo. Só com muito esforço, conseguiu se encostar na árvore, procurando forças para ficar de pé. Quando finalmente conseguiu se levantar, olhou cheio de raiva para a Caveira e resmungou:

– Olha bem, coisa do diabo, o que fez comigo!

Os olhos dela cintilaram quase zombeteiramente e, depois de algum tempo, ela afirmou:

– Quem perde o corpo é a língua, meu amigo, é a língua...

E cá entre nós, com toda razão!

O caçador, bem machucado, foi para a casa e, dessa vez, calou-se, guardando para si aquilo que somente ele ouvira. (Moutinho, 2012, p. 45).



## LER OU CONTAR?

Ler e contar histórias não são a mesma coisa, mas, sim, duas ações que devem fazer parte da formação cidadã, seja na escola, seja em outros espaços de formação, inclusive no lar.

Conforme pesquisa liderada por Brockington (2021), num hospital da capital paulista, crianças que ouviam histórias produziam mais as substâncias do bem-estar, naturalmente excretadas pelo corpo, que crianças expostas a brincadeiras com palavras, como em trava-línguas ou adivinhas.

O estudo revela que todas as ações lúdico-educativas com as palavras são relevantes para o desenvolvimento da linguagem e interação infantil, mas, para aquelas crianças que passavam pelo estresse de estarem hospitalizadas, ouvir histórias foi muito mais relaxante. Esse fato levou pesquisadores a concluir que as narrativas, além de estimular o aprendizado, o fazem de forma prazerosa.

Ao deixar bem clara a diferença entre ler e contar, somos capazes de equilibrar a oferta das duas ações em sala de aula, e isso é fundamental quando queremos um desenvolvimento contínuo e contextual da linguagem, seja em qualquer momento que a pessoa esteja.

Para que as ações de ler e de contar histórias fiquem bem evidentes, a seguir, apresentamos cada uma:



### Ler histórias

Ler histórias tem a ver com o papel, com a escrita. É pegar um livro, uma revista, ou, mesmo, um tablet ou celular e ler exatamente como está escrito, com todos os seus sinais de pontuação, palavras, respeitando a produção escrita tal qual ela se apresenta. Todo texto literário necessita da performance para ter sentido, assim, ao ler também é preciso exprimir nas palavras os sentimentos e sensações que a história exige, conforme veremos adiante. Não se pode ler literatura como se lê uma notícia ou um manual de instruções. A literatura precisa de performance.



## Contar histórias

Contar histórias é, acima de tudo, oralidade. Contar histórias é ação tradicional, pois, muito antes de aprendermos a nos expressar por meio da escrita, nos comunicávamos oralmente e, assim, passávamos nossos conhecimentos uns para os outros. Por mais que a sociedade atual seja centrada na escrita, a comunicação por meio da fala ainda é muito empregada. Portanto, as habilidades de expressão oral devem ser estimuladas nas crianças desde o seu nascimento.

### VAMOS FAZER UMA PESQUISA?

Toda pesquisa demanda objetivos e metodologia. Nesta proposta de pesquisa, o objetivo é verificar, nas pessoas que ouvem histórias, suas reações quando elas são contadas e quando são lidas. Como metodologia, façamos um grupo de controle. Filme a reação do grupo

quando você lê e quando você conta uma história. Pode ser a mesma ou pode ser outra. Repita o experimento mais de uma vez e, se possível, em grupos diferentes. Anote as reações das pessoas e relacione com o que temos estudado neste livro.

Não deixe de divulgar as suas pesquisas: seja na forma de comunicação de trabalhos, painéis, escrita de artigo a ser enviado para publicação em alguma revista, mas sempre com a orientação de quem tem mais experiência acadêmica.

**LEMBRETE RELEVANTE:** toda pesquisa com pessoas deve passar pelo comitê de ética da pesquisa. Não é tarefa difícil e seu docente orientador pode lhe ajudar nesse processo. Importante salvaguardar a imagem de quem colabora com a pesquisa. Não publique sem passar antes pelo comitê de ética de sua universidade!

### IMPORTANTE!

A voz, o corpo e o olhar constituem o tripé da contação de histórias. Enquanto na leitura é necessário seguir exatamente o texto escrito, na contação é possível acrescentar ou tirar partes não essenciais do texto durante a narrativa, pois, sem nenhum texto em mãos, a contação de histórias flui por meio da voz, do olhar e da expressão corporal.

# A AÇÃO TERAPÊUTICA/ARTÍSTICO/PEDAGÓGICA DE CONTAR HISTÓRIAS

Neste capítulo, discutimos a abrangência da contação de histórias, retomando o capítulo 3 e ampliando as ideias postas por Bâ (2010), que, em suas reflexões sobre as camadas do conto, revela que as narrativas são mais que relatos de acontecimentos, como defende Italo Calvino (2001), elas resumem uma:

[...] faculdade humana fundamental: a capacidade de pôr em foco visões de olhos fechados, de fazer brotar cores e formas de um alinhamento de caracteres alfabéticos negros sobre uma página branca, de pensar por imagens. (p. 108).

Calvino (2001), de forma metafórica, como nas histórias, ressalta a importância de exercitar a imaginação, sugerindo isso como uma faculdade humana fundamental. Essa ideia do pesquisador e escritor italiano é corroborada por indícios antropológicos e arqueológicos, que sugerem que a espécie *Homo sapiens* conquistou o mundo graças à capacidade de imaginar coisas que não existem de fato.

Vale dar uma paradinha aqui e pesquisar os termos abaixo, afinal, falar de contação de histórias é falar sobre os assuntos que nos circundam e que de alguma forma nos afetam. Essas são algumas palavras-chave da constituição de nossa sociedade na contemporaneidade que valem a pena ser pesquisadas.

Modernidade;  
Capitalismo selvagem;  
Neoliberalismo;  
Eurocentrismo;  
Capitalismo;  
Colonialismo;  
Decolonialidade.

Vamos promover um debate com essa pesquisa feita? Como essas questões nos afetam? Como afetam a profissão que quero abraçar? Como afetam as condições de trabalho e de vida da minha geração e das gerações futuras? Há histórias que ajudam a pensar sobre essas questões?

Porém, de modo geral, nós, seres humanos, temos cada vez mais nos afastado dessa nossa capacidade ancestral de metaforizar o mundo, focando na informação, conforme defende Walter Benjamin (2020). Por isso, temos nos perdido de quem somos e de nossa capacidade criativa, daí a morte do contador de histórias, por esse autor anunciada. A modernidade, o capitalismo selvagem e o neoliberalismo têm feito propaganda massiva e eficiente em mudar a história de quem somos, nos apartando de tudo o que é natureza (respirante ou não), cerceando nossos corpos, nossos desejos, nossos sonhos, para que se voltem ao consumo de produtos que, de modo geral, nem precisamos.

Com isso, o velho, notadamente na sociedade eurocentrada, capitalista, colonialista, é execrado, é desprestigiado, é posto em (falsa) oposição ao novo, que toma o status de relevância. Para o consumo, é interessante desfazer do velho, para comprar o novo! Essa falsa dicotomia entre o velho e o novo provoca mais e mais consumo e pessoas que vivem sob esse consumismo. E esse conjunto de ideias, que nos são impostas massivamente pelas várias mídias, sente-se compelido a jogar fora, produzir lixo, descartando o que se relaciona com o que já passou, o ultrapassado. Com isso, desprezamos e desrespeitamos nossos velhos e antigos, as tradições, as histórias e todos os conhecimentos que essas pessoas foram acumulando ao longo do tempo e que foram sendo contados.

Obviamente, não é o caso de generalizarmos esse desprezo pelo velho, pelo antigo. Vários seres humanos ainda respeitam seus antigos, seus mais velhos, mesmo pessoas europeias ou eurocentradas percebem e denunciam, provocando o processo de decolonialidade (Bernardino-Costa; Grosfoguel, 2016). Porém, percebemos ao nosso redor e, mais triste ainda, percebemos que as instituições, esses aparelhos ideológicos (Althusser, 1998), mantêm ainda um sistema que adoce as pessoas para melhor dominá-las. Adoce seus corpos com alimentos cada vez mais industrializados e adoce suas mentes, roubando-lhes a rebeldia (Oliveira, 2019).

Segundo Byung-Chul Han (2019), a atualidade traz em seu horizonte a desintegração, no sentido em que as identidades estão sendo fragmentadas ao se hiperconectarem e, com isso, desconectarem-se de si, que é o que as histórias contadas fazem. Para ele, “não há mais um tempo que seja cumprido por uma bela tessitura do passado, presente, futuro, ou seja, pela história, por um arco de suspensão narrativo” (Han, 2019, p. 93). Segundo o autor, esse tempo despido de uma narrativa dispersa-nos em hiperespaço de possibilidades e acontecimentos que provocam o vazio. O vazio adoce as pessoas que são feitas de narrativas, as quais precisam ser contextualizadas em seu espaço narrativo e em seu momento de pronunciamento, de contação de história.

Um caminho de práxis de liberdade pode ser aventurado por meio das histórias que abrem portas e janelas de narrativas, para que conheçamos a nós mesmos, e, conhecendo-nos, conheçamos todos os outros seres humanos. Posto que estejamos ligados todos nós aos mesmos arquétipos (Jung, 2016) que compartilhamos e à natureza que nos circunda.

Aqui entra a perspectiva de levar para as escolas (um aparelho ideológico), numa práxis da liberdade, ou seja: a contação de histórias como ação terapêutica-artístico-pedagógica. Como vimos, as histórias, notadamente as tradicionais e ancestrais, aquelas que, segundo Coelho (2012) derivam de diversas fontes, levadas, através dos tempos, para diferentes regiões, e que foram se misturando e criando as diferentes formas narrativas atuais e atualizadas em cada nova história que é contada ou recontada.

A contação de histórias é prática pedagógica terapêutica, pois trata de questões de conhecimento de si e de ampliação de repertório de emoções e sensações, com as quais temos que lidar cotidianamente. É pedagógica, pois ensina o que está nos currículos de forma explícita e oculta (Macedo, 2011). E é arte, essa linguagem que é acessível a todas as gentes, com a qual nosso inconsciente dialoga, a que faz nosso corpo se movimentar e nossos sentidos despertarem, a que, já foi comprovado cientificamente (Suzuki et al., 2018), promove aprendizados significativos.

Para pensar melhor essa questão, pense nas histórias que você lembra de memória, histórias que fazem parte de seu repertório. Compartilhe essas histórias. Veja quais se repetem, mas veja que nem sempre o que dizemos das histórias são as mesmas coisas... cada pessoa desenvolve um aprendizado único, e cada vez que se ouve a história o aprendizado se amplia...

A ação artístico-pedagógica-terapêutica de contar histórias e de ouvir histórias é, assim, uma ação por si só interdisciplinar, educativa, cultural, científica e política que promove interação entre as diversas culturas, fazendo-nos conhecer o que pensam e sentem os diferentes povos, por meio das histórias que contam e, assim, conhecendo-os melhor e suas formas de lidar com as situações, muitas vezes bem semelhantes às nossas. Pacificam-se as dicotomias eu-eles que tantas desavenças provocam na forma de preconceitos, diversas discriminações e guerras.

A riqueza das histórias está justamente em suas várias possibilidades de interpretação, de atribuições de sentidos que podem ser dadas a elas. Cada pessoa fará sua própria interpretação, conforme um ditado que circula em diversos povos: cada um só enxerga o meio-dia da soleira de sua porta.

É importante deixar claro que a contação de histórias na escola não será um elemento mágico que resolverá todos os problemas que a escola apresenta, nem há aqui a intenção de deixar um modo ou modelo de ação nesse sentido, mas, tão somente, levantar a discussão que vem sendo feita e que já tem apontado para alguns resultados bastante significativos e que precisam ser visibilizados. No final, resta perceber que as histórias ensinam (muito mais do que está na moral e de forma dialógica); as histórias entretêm (por meio de seu viés lúdico e ancestral); e as histórias são terapêuticas (no sentido em que nos sensibilizam a pensar de uma forma diferente ou experienciar situações para aumentarmos nosso repertório de sensações e sentimentos).

Para aprofundar as reflexões sobre essa perspectiva, apresentamos abaixo um texto da cultura oral. Após ouvi-lo, levante as seguintes questões para cada um deles e debata em grupo:

1. O que o texto me diz?
2. O que eu digo por causa do texto?
3. O que o texto diz de mim?



nós mesmos e nossa sociedade por meio das artes e dos esportes são condições de exercício mais ampliado de cidadania. Porém, os estudos sobre si mesmo e a construção de identidade e persona passam sempre ao largo na escola, embora seja sempre lembrado nos documentos governamentais que regularizam e regulamentam o ensino.

Essa ação terapêutica-artística-pedagógica da contação de histórias cumpre bem esse papel de conhecer-se e construir identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário. Conforme explicitado nos seis direitos de aprendizagem (Brasil, 2017) e desenvolvimento, tendo em vista os eixos estruturantes das práticas pedagógicas e as competências gerais da Educação Básica propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Bruno Bettelheim (2014) nos ensina que os contos de fadas falam sobre problemas humanos universais, por isso aliviam pressões que percebemos nitidamente ou não. O mesmo pode ser dito de todas as histórias, sejam no formato de contos, parábolas, fábulas, mitos, lendas (veja definições de cada um desses no apêndice deste livro). À medida que se desenrolam, as histórias mostram caminhos para resolver e lidar com conflitos. Então, não podemos perder de vista que as histórias traduzem sentimentos e sensações que precisam ser explicitados durante a contação/leitura.

Em vista disso, a proposta agora é a elaboração de um mapa mental no qual sejam explicitadas as suas aprendizagens sobre contação de histórias, focando as sensações e sentimentos que elas provocam.

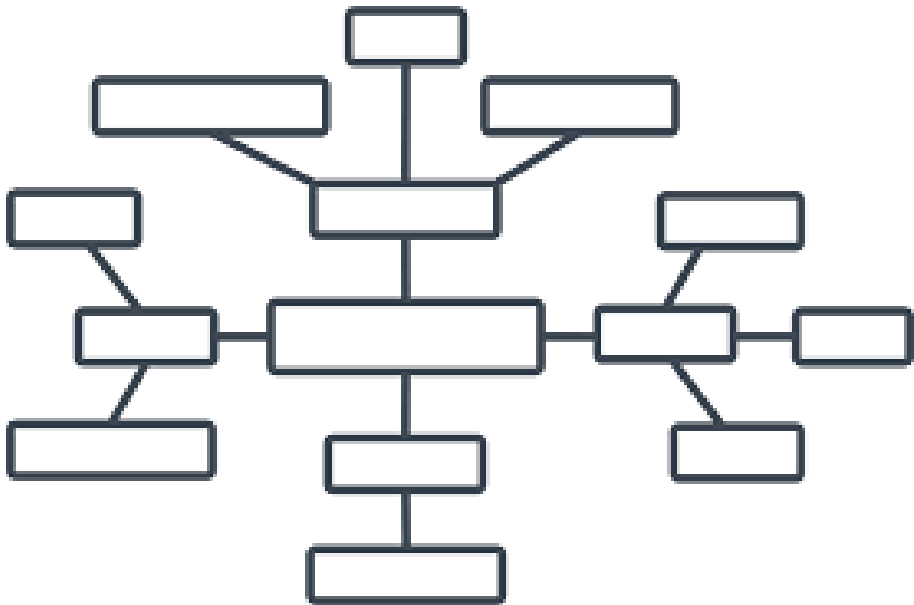
Para facilitar a construção do seu mapa mental, sugiro que assista esse vídeo: Como fazer um MAPA MENTAL de forma simples e rápida | Mapa Mental em 5 PASSOS (2021).

No esquema a seguir, tente preencher as lacunas para a experiência de elaboração de um mapa mental sobre essa sua experiência com histórias que lhe foram contadas ou lidas, e histórias que você leu em sua fase alfabetizada.

Lembre-se de que as histórias podem ser contadas (pessoalmente ou por meio das mídias como TV, rádio, internet, cinema, teatro etc.); podem ser lidas por meio de histórias em quadrinhos, contos, poemas musicados ou não (alguns contam histórias); e de outras tantas formas que se apresentam

à necessidade de expressão humana. Então, hora de buscar essas memórias e pô-las no mapa mental a seguir, e sinta-se à vontade para incluir quantas conexões forem necessárias. Depois, socialize sua produção, levante questões, dialogue.

### MAPA MENTAL DE HISTÓRIAS/SENSAÇÕES, SENTIMENTOS



## PERFORMANCE: COMO CONTAR HISTÓRIAS?



Seus olhos estavam atentos. Aquele dragão poderia atacar a qualquer momento, precisava estar preparada para o combate. Era uma garotinha bem pequena e franzina, mas, com as palavras mágicas ensinadas pela fada da floresta das mil cores, ela sabia que poderia vencer aquela fera. Então ela olha nos olhos do dragão e diz as palavras mágicas: “por favor!”. O dragão, agora dócil e gentil, deixa-a passar. Ela respira fundo, olha em volta e vê seus coleguinhas e sua sala de aula. Mas ela já não se sente a mesma, agora sabe que pode vencer o dragão, mesmo que ele apareça na forma de um cachorro latindo, ou de alguma pessoa lhe dizendo coisas feias. Com as palavras certas, ela sairá vencedora. Há esperança.... (Oliveira, 2022, p. 12).

Como contar ou ler histórias? Como saber encantar pelas histórias? Qualquer pessoa que conte/leia histórias lindamente irá responder que, primeiramente, é preciso encantar-se por elas. Precisa que a história lhe diga algo de quem a conta, pois quem conta histórias não pode mentir, tem que dizer a verdade do conto.

Segundo Bernat (2013, p. 173), “a história escolhe o contador” e, continua dizendo que, por conta disso, não pode haver segredos entre os dois. Ainda segundo esse autor, é preciso “permitir que ela invada tão profundamente o contador que ele possa fazer de cada apresentação um evento único e autêntico” (Bernat, 2013, p. 173).

O filósofo alemão Walter Benjamin (2020) nos ensina que a experiência que se transmite oralmente é a fonte da qual beberam pessoas que contam histórias. Assim, ele revela que as histórias que se contam, seja de fadas, bruxas, dragões, animais e objetos que se comportam como humanos, com ou sem magia, elas todas efetivamente aconteceram com pessoas reais que tiveram experiências reais. Pessoas que souberam ouvir com atenção esses eventos, foram capazes de contar de forma lúdica e mais acessível as histórias vivenciadas. Assim nascem as histórias que conhecemos hoje em dia,

pois contar narrativas é criar e alimentar o imaginário, abrangendo o consciente e o inconsciente em todos os graus de intelectualidade, em todas as idades, em todos os povos e culturas.

Segundo Costa (2015), pode-se exercitar a prática da contação de histórias a partir da leitura de diversos autores ou audição de narrativas orais recolhidas da tradição. Em qualquer dessas situações, é preciso ouvir ou ler antes a história, conhecê-la verdadeiramente, para que não seja só uma narrativa, mas um diálogo travado na mente de quem a ouve, no sentido de ter vivência com as palavras e ter interesse em aprofundar seus conhecimentos sobre elas.

Garanhuns (2015), um brincante contador de histórias pernambucano, avisa que exercer sua arte é ser conhecedor do imaginário popular. Ele ensina que contar histórias é falar com o corpo todo, falar de amor, ódio, alegria, tristeza, medo, angústia, solidão, ternura, carinho e todos os sentimentos inerentes ao ser humano. É criar **imagens mentais** de situações e sentimentos e emoções que provocam repertório de vivência sobre esses sentimentos para que as crianças saibam lidar com eles, quando eventualmente entrarem em contato.

Para Jean Piaget (1999), a **imagem mental** não deve ser considerada como uma cópia do real regida unicamente pela percepção, é uma reconstrução ativa ligada ao signo linguístico e à motricidade, ou seja, ao vermos ou escutarmos uma palavra, a associamos a imagens mentais que temos sobre aqueles signos linguísticos, mas não somente da lembrança do que temos, nós extrapolamos a ideia original.

Para encantar uma história, precisamos dar muita atenção ao que fazemos com o corpo, a voz e o olhar. Sisto (2012), pesquisador e contador de histórias, afirma que o corpo de quem conta é a folha em que o ouvinte lê a história. Por isso, o autor orienta a evitar gestos muito bruscos, muito largos e muitas movimentações com as mãos, principalmente evitar interpretar a história com o corpo. A interpretação da história cabe a quem ouve.

Entendendo que a contação de histórias se ampara no tripé olhar, corpo e voz, a pesquisadora, autora e contadora de histórias catarinense, Busatto (2003), orienta que o olhar deve ser acolhedor, pois tem muita importância na hora de contar. É preciso olhar no olho de quem ouve a história... mesmo que sejam muitas pessoas ouvindo, podemos passear o olhar pela plateia, de forma a acolher por meio dele...



# ENCONTRANDO SUA IDENTIDADE DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

É preciso assumir o fato de que não escolhemos uma história para contar, ela que nos escolhe.

Kouyaté, em curso ministrado em São Paulo em 2012, afirmou que “Não existe bom ou mau contador, apenas mergulhamos ou não em seu universo” (Bernat, 2013, p. 27). Conforme destaca Toni Edson Santos (2016, p. 20) em sua pesquisa, isso quer dizer que é algo intrínseco ao ser humano e que não tem um modelo a ser seguido. Cada um encontra seu jeito de se encantar e encantar uma história.

Uns se vestem de personagens, contam histórias como se fossem palhaços, bonecas, velhinhas etc. Também podem ser utilizados bonecos, fantoches ou outros apetrechos, não importa, **contanto que a história seja o centro da ação.**

## HORA DA PESQUISA!

Para saber mais de si, é importante saber mais das pessoas ao nosso redor. Um tipo de pesquisa que vem se desenvolvendo muito ultimamente é a pesquisa (auto)biográfica. Ela é uma estratégia de investigação qualitativa, centrada nas narrativas de vida dos grupos humanos, sua leitura de mundo, seus sentimentos, percepções e interações com o contexto social em que estão situados.

Você encontra muitos resultados de pesquisa biográfica com mestres e mestradas da tradição oral no site Poéticas Orais (GEPPO, 2020).

Nesta proposta de investigação, sugiro identificar uma pessoa que conte histórias (pode ser um familiar ou conhecido, artista ou docente, pode acessar, também, o YouTube [c2005] e ver vários vídeos de pessoas contando histórias), escute-a e perceba suas características, sua performance particular, e anote abaixo. É interessante mais de um sujeito de pesquisa para



## PREPARANDO A CONTAÇÃO

Apresentamos, a seguir, algumas dicas colhidas de pessoas que pesquisam e contam histórias. Essas orientações servem para qualquer história contada ludicamente. A título de exercício prático, a partir da narrativa abaixo, responda as perguntas que guiam a preparação para o processo de contação. Esse exercício serve para ser feito com qualquer história a ser lida ou contada.

### **A MENINA ENTERRADA VIVA**

(conto da tradição oral, recolhido por Luís da Câmara Cascudo (2000, p. 302-304))

Era um dia, um viúvo que tinha uma filha muito boa e bonita. Vizinha ao viúvo, residia uma viúva, com outra filha, feia e má. A viúva vivia agradando a menina, dando presentes e bolos de mel. A menina ia simpatizando com a viúva, embora não se esquecesse de sua defunta mãe que a acariciava e penteava carinhosamente. A viúva tanto adulou, tanto adulou a menina, que esta acabou pedindo que seu pai se casasse com ela.

– Case com ela, papai. Ela é muito boa e me dá mel!

– Agora ela lhe dá mel, minha filha, amanhã lhe dará fel! – respondia o viúvo.

A menina insistiu e o pai, para satisfazê-la, casou-se com a vizinha. Obrigado por seus negócios, o homem viajava muito e a madrasta aproveitou essas ausências para mostrar o que era. Ficou muito bruta e malvada, tratando a menina muito mal. Dava muito pouco de comer e a fazia dormir no chão em cima de uma esteira velha. Depois mandou que a menina se encarregasse dos trabalhos mais pesados da casa. Quando não havia coisa alguma que fazer, a madrasta não deixava a menina brincar. Mandava que fosse vigiar um pé de figos que estava carregadinho, para os passarinhos não bicarem as frutas.

A pobre da menina passava horas e horas guardando os figos e gritando – “chô! passarinho!” quando algum voava por perto. Uma tarde, estava tão cansada que adormeceu e quando acordou os passarinhos tinham picado todos os figos. A madrasta veio ver e ficou doida de raiva. Achou que aquilo era um crime e no ímpeto de sua raiva matou a menina, ou achou que a matou e enterrou-a no fundo do quintal. Quando o pai voltou da viagem a madrasta disse que a menina fugira de casa e andava pelo mundo, sem juízo. O pai ficou muito triste.

Em cima da sepultura da órfã, nasceu um capinzal bonito. O dono da casa mandou que o empregado fosse cortar o capim. O capineiro foi pela manhã e quando começou a cortar o capim, saiu uma voz do chão, cantando:

Capineiro de meu pai!  
Não me cortes os cabelos...  
Minha mãe me penteou,  
Minha madrasta me enterrou,  
Pelo figo da figueira  
Que o passarinho picou...  
Chô! passarinho!

O capineiro deu uma carreira, assombrado, e foi contar o que ouvira. O pai veio logo e ouviu as vozes cantando aquela cantiga tocante. Cavou a terra e encontrou uma laje. Por baixo estava vivinha, a menina. O pai, chorando de alegria, abraçou-a e levou-a para casa. Quando a madrasta avistou de longe a enteada, saiu pela porta a fora, e nunca mais deu notícias se era viva ou morta.

O pai ficou vivendo muito bem com sua filhinha.

Antes da contação/leitura, leia ou ouça com atenção à história.

1. A personagem principal pode ser identificada como aquela que aprende alguma coisa durante a história e modifica seus sentimentos e/ou ações. Neste texto, qual personagem pode ser identificada como principal?

---

---

---

2. A partir da resposta anterior, apresente abaixo a(s) aprendizagem(ns) construídas pela personagem principal ao longo do texto e escreva como essa percepção de aprendizagem feita pela personagem diz sobre você e suas próprias experiências.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

3. Toda história tem um momento mais importante, alguns autores chamam de clímax (geralmente ocorre na mudança de comportamento da personagem principal), identifique-o nesse texto. Dialogue com colegas porque você sinalizou esse como o momento mais importante da história. Escute o ponto de vista deles e argumente o seu.
  
4. Geralmente as histórias apresentam alguém ou alguma coisa (pode ser um elemento mágico, personificação ou uma intuição) que ajuda a personagem principal a alcançar seu objetivo. Como isso acontece nessa história? Debata com os colegas que pessoa de nossos cotidianos pode ter sido representada por esse elemento mágico e qual seu papel na história.
  
5. Assinale a resposta que melhor responde à pergunta: O que provoca o desfecho, ou seja, o fim da história?  
 a fuga da madrasta.  
 a música cantada.  
 O capineiro contar o que ouvira.  
Discuta a opção escolhida:

---

---

---

---

---

---

---

---

---

6. Imagine-se sendo cada uma das personagens da história:

A. Com qual você se identifica mais? Por quê?

---

---

---

---

---

---

---

---

B. Com qual se identifica menos? Por quê?

---

---

---

---

---

---

---

---

C. O que você modificaria na história? Comente.

---

---

---

---

---

---

---

---

## Ensaio – Dinâmica do espelho

Respondidas essas questões, é hora de começar a ensaiar. Tudo que se quer fazer bem-feito, precisa de preparação. O melhor aliado de quem quer contar histórias é o espelho, assim, para praticar sua performance, primeiro conte a história para o espelho. Considerando essas orientações, você se prepara para iniciar a contação ou leitura da história. Então é hora de pensar como será iniciada a narrativa: uma frase, uma canção, um toque de um instrumento musical.

### Durante a contação/leitura

É um momento performático. Releia a síntese sobre performance que você fez anteriormente e foque na voz, no olhar e no corpo, o tripé da contação de histórias. Seja contando ou lendo a história, passe verdade nos fatos narrados e nos sentimentos envolvidos.

Procure deixar o ambiente tranquilo, aconchegante, confortável e relaxante. Para você, como seria isso? Descreva.

---

---

---

---

---

---

---

Apresente a autoria da história, se for uma história lida/contada de livro, ou o nome de quem você a ouviu, no caso de conto da tradição oral. Traga seu ouvinte para a história. Faça com que participe dela, por meio de perguntas, mesmo sem precisar de respostas:

- “O que será que a Chapeuzinho Vermelho vai encontrar na floresta?”;
- “O que você acha que havia no banquete que a rainha mandou fazer para as fadas?”;

- “Falem junto comigo o nome do menino: Tatê Calaque Catacan-quixilá Calanquê!”

Cada história vai dar possibilidades de participação. Essa participação serve para provocar maior engajamento à narrativa, fazendo parecer que está acontecendo naquele instante o fato narrado e que todo mundo está participando.

Caso haja interrupções no meio da história (geralmente há quando crianças estão ouvindo), dê atenção a quem pergunta/interrompe, trazendo a interferência para a narrativa. Ouça a criança. Para sermos bons contadores de histórias, precisamos saber ouvir. Veja abaixo exemplos de fatos ocorridos durante a contação:

CONTADORA: [...] então a fada estava preparada para fadar a princesinha, quando [...]

CRIANÇA: o que é fadar?

CONTADORA: fadar é o que as fadas fazem, dão uma benção, um dom, por exemplo, essa fada ia dar o dom da beleza à princesinha, mas [...]. [continua a história]

[...]

CONTADORA: [...] a princesa vestiu suas galochas e foi para a chuva [...]

CRIANÇA: você sabe que minha mãe me deu uma boneca nova?

CONTADORA: é mesmo? Deve ser linda, depois você conta para a gente como ela é? Pois nesse momento a princesa já havia caminhado muito na chuva, quando [...]. [continua a história]

**Figura 2** – Teatro de Fantoche



Fonte: iStock (c2024).

Como você lidaria com as interrupções durante a contação de histórias:

A. se fosse uma criança interrompendo:

---

---

---

---

---

---

---

---

B. se fosse um jovem (adolescente):

---

---

---

---

---

---

---

---

C. se fosse adulto ou idoso:

---

---

---

---

---

---

---

---

É sempre bom pensar sobre o assunto. As interrupções ocorrem muito e precisamos nos preparar. Toda história é dialógica.

## Após a contação/leitura

É sempre importante finalizar a contação de histórias, para quebrar o encanto e manter a magia, o que pode ser feito com uma frase: “passou pelo pé de pato e entrou pelo pé do pinto, quem quiser que conte cinco”; ou “quem gostou bate palma, quem não gostou perdoa de corpo e alma”; ou “não sei se foi bem assim que aconteceu, mas foi bem assim que me contaram”. Pode ser uma musiquinha ou uma quadrinha recitada assim:

O que era de vidro, quebrou  
O que era de papel, rasgou  
Mas, o que aprendeu, ficou

Você pode inventar uma original só sua, com sua identidade.

Que tal fazer esse exercício agora? Invente uma forma só sua de finalizar a sua contação. Depois socialize com a turma.

---

---

---

---

---

---

---

A depender de onde esteja: em casa, na sala de aula, na biblioteca, no hospital, muitas coisas podem ser feitas após a contação, para que a história seja pensada por quem a escutou, provocando, assim, aprendizados sobre a língua tanto no campo da escuta quanto da escrita.

Aqui vão algumas sugestões:

- Simples conversa sendo iniciada por “o que você achou da história?”;
- Desenhar as personagens que mais gostou;
- Desenhar um novo final;
- Escrever um final diferente;

- Fazer um teatro representando a história;
- Contar a história como se fosse do dia a dia, uma história comum;
- Contar a história apenas com gestos;
- Pedir que conversem em pares sobre a história e depois falem sobre as conclusões a que chegaram para o grande grupo;
- Pedir que representem uma cena das personagens que mais gostaram;
- Promover um desfile das personagens, com cada um customizando uma roupa ou acessório que represente a personagem...

Refletir sobre o aprendizado da personagem principal pode levantar questões que envolvem a composição da narrativa. Então vamos fazer um exercício?

A partir da leitura dessa fábula de Lobato (2020), reflita sobre o texto com as perguntas que seguem após o texto:

## **O RATINHO, O GATO E O GALO**

Certa manhã, um ratinho saiu do buraco pela primeira vez. Queria conhecer o mundo e travar relações com tanta coisa bonita de que falavam seus amigos. Admirou a luz do sol, o verdor das árvores, a correnteza dos ribeirões, a habitação dos homens. E acabou penetrando no quintal duma casa da roça.

— Sim, senhor! E interessante isto! – Examinou tudo minuciosamente, farejou a tulha de milho e a estrebaria. Em seguida, notou no terreiro um certo animal de belo pelo que dormia sossegado ao sol. Aproximou-se dele e farejou-o, sem receio nenhum. Nisto, aparece um galo, que bate as asas e canta.

O ratinho, por um triz, não morreu de susto. Arrepiou-se todo e disparou como um raio para a toca. Lá contou à mamãe as aventuras do passeio.

— Observei muita coisa interessante — disse ele. — Mas nada me impressionou tanto como dois animais que vi no terreiro. Um de pelo macio e ar bondoso, seduziu-me logo. Devia ser um desses bons amigos da nossa gente, e lamentei que estivesse a dormir impedindo-me de cumprimentá-lo. O outro... Ai, que ainda me bate o coração! O outro era um bicho feroz, de penas amarelas, bico pontudo, crista vermelha e aspecto ameaçador. Bateu as asas barulhentosamente, abriu o bico e soltou um có-ri-có-có tamanho, que quase

caí de costas. Fugi. Fugi com quantas pernas tinha, percebendo que devia ser o famoso gato, que tamanha destruição faz no nosso povo. A mamãe rata assustou-se e disse:

— Como te enganas, meu filho! O bicho de pelo macio e ar bondoso é que é o terrível gato. O outro, barulhento e espantado, de olhar feroz e crista rubra, filhinho, é o galo, uma ave que nunca nos fez mal. As aparências enganam. Aproveita, pois, a lição e fica sabendo que: **Quem vê cara não vê coração.**

1. Como dito anteriormente, sempre há uma personagem principal. Para a identificarmos, precisamos perceber suas características e ações. Vamos exercitar relacionando as características e as ações de cada uma das personagens do texto acima:

personagens	características	ações

2. Agora dialogue com os colegas e sintetize abaixo como essa relação entre características e ações dialoga com o cenário em que ocorre a narrativa?

---

---

---

---

---

---

---

---

3. Diante da sua resposta, podemos dizer que o cenário determina os acontecimentos? Levante um debate sobre isso.

4. Outro fator importante da narrativa é o tempo: o tempo em que a narrativa ocorre (tempo cronológico) e o tempo percebido (tempo psicológico). Como o tempo da narrativa interfere nos fatos ocorridos? Faça relação entre os dois tempos e compartilhe suas ideias.
5. Junte-se com seus colegas e elaborem juntos uma cena com pessoas, na vida real, que reflita bem a cena descrita na fábula. Depois encene-a. A seguir, debatam as cenas reproduzidas, caso tenha havido mais de uma.

**ADVERTÊNCIA:** essas reflexões podem levar a questões emocionais e de vivências pouco saudáveis. Uma discussão pode ser levantada, mas será preciso perceber quando a situação deve ser direcionada a um profissional da psicologia para lidar com os sentimentos e sensações advindos das vivências com as histórias.

## AINDA SOBRE PERFORMANCE

Segundo Paul Zumthor (2007), a performance é um saber que implica e comanda uma presença e uma conduta, um *Dasein* (estar lá, compromisso, implicação) comportando coordenadas espaço-temporais e fisiopsíquicas concretas, uma ordem de valores encarnada em um corpo vivo. A performance, para esse autor, e o conhecimento daquilo que se transmite estão ligados naquilo que afeta o que é conhecido. A performance, de qualquer jeito, modifica o conhecimento. Ela não é simplesmente um meio de comunicação: comunicando, ela o marca.

**Figura 3** – Figura com fantoche nas mãos



Fonte: iStock (c2024).

Ainda é esse autor que apresenta quatro aspectos da performance. O primeiro diz que a performance de quem conta a história precisa interagir com a performance de quem assiste. Mesmo considerando que podem ser culturas bem distintas, as pessoas que performam contando ou ouvindo, precisam estar conectadas para que a história aconteça, por isso, é necessário que quem conta conheça com antecedência o local.

O segundo aspecto se relaciona com o acontecimento oral e gestual. O corpo do contador não pode traduzir a história, precisa deixar por ele fluir.

O que nos leva ao terceiro aspecto, a performance não apenas se liga ao corpo, mas, por ele, ao espaço: teatralidade – encenação (um ato performativo se refere a quem contempla e a quem desempenha). Performance é uma colocação em cena do sujeito, em relação ao mundo e a seu imaginário.

O quarto e último aspecto é o prazer poético que precisa ser orgânico, tornando a poesia da palavra narrativa mais física do que intelectual.

Para que a performance alcance esses aspectos propostos por Zumthor, é preciso encantar história. É necessário que a pessoa que conte ou leia a história esteja encantada por ela. Para tal, além de ler ou ouvir o texto com atenção, é preciso pensar na história, perceber os seus momentos mais marcantes, os de expectativa, de suspense e de desfecho.

Ao conhecer a fundo a história, a força da narrativa toma espaço na voz de quem conta/lê, pois conhecerá o sentimento presente ali e como poderá representá-lo numa voz que condiz com a situação contada.

Então façamos alguns exercícios de expressão. Verbalize cada frase usando diversos sentimentos. Faça isso em duplas e dialoguem entre si sobre as performances apresentadas. Lembrem-se de não exagerar, não é sobre o exagero, é sobre dar veracidade ao fato narrado.

SENTIMENTO	FRASE
Felicidade	A menina passeava na floresta
Horror	O gato se esgueirou pelo mato
Tristeza	A fada empunhou sua varinha mágica
Constrangimento	Ele foi saindo de fininho
Mágoa	Encontrou-se com o Ipê Roxo

Os espaços em branco podem ser preenchidos com suas ideias sobre como exercitar performance.

Lembre-se: é preciso trazer na voz a emoção necessária ao entendimento do perigo da situação. A voz de quem conta/lê a história é perpassada pelo sentimento presente nela. Enfim, é preciso sentir a história.

O **tom de voz** na contação é especial.

Embora a entonação dependa das características do trecho da narrativa contada, de modo geral, a voz de quem conta/lê precisa ser leve,

**DICA!** Caso queira imitar as vozes de personagens, tome cuidado para mantê-las até o final da história.

suave: nem alta que irrite quem ouve, nem baixa que haja dificuldade em ouvir. Não há pressa, pois a fala calma oferece o tempo necessário para a pessoa que ouve ter tempo de elaborar as imagens mentais produzidas pela narrativa, entrando, assim, na história junto com quem conta.

Em teatro, fala-se da pausa dramática, ou seja, aquele momento em que, por segundos, deixamos o silêncio provocar expectativa sobre a narrativa. Momento de olhar nos olhos de quem ouve. **Mas, cuidado!** Nada de fazer uma voz diferente da sua. É preciso manter sua voz, seja aguda ou grave. Basta apenas sentir a história como se ela estivesse acontecendo no momento em que é contada. Inclusive, é bom evitar um tom vocal muito infantilizado, seja natural o máximo possível.

**Música na história:** A música pode aparecer no início, durante e no fim da contação de histórias. A famosa autora, contadora e cantora Bia Bedran (2012) defende o cantar como ação humana e, para tal, basta ter voz. Ensina, também, que uma música encanta a história. Não tenha medo de cantar uma música, com ou sem ajuda de instrumentos musicais. Às vezes, a história exige a canção e é sempre encantador. Mas tome cuidado para não poluí-la com músicas, instrumentos musicais ou sonoplastia em excesso. Lembre-se sempre de que a história é o foco maior.

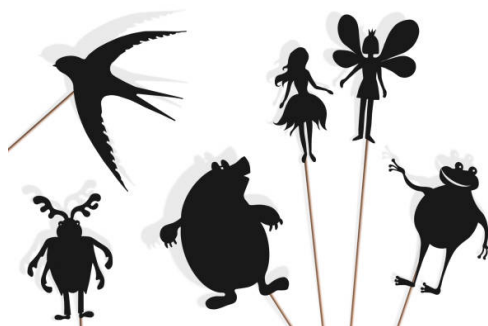
Como dito anteriormente, o espelho é um grande aliado de quem conta histórias. Conte a história para um espelho e veja a sua reação, veja se não está muito afetada e se está convincente. Uma pessoa de sua confiança também pode ser “espelho”, avaliando sua performance e oferecendo sugestões de aprimoramentos. Então vamos ao exercício de espelho?



## APETRECHOS E AMULETOS

Fantoches, dedoches, bonecos, tapetes de contação, imagens ou outros elementos, comumente chamados de apetrechos, são sempre bem-vindos, mas **não são itens obrigatórios**. O que importa é a construção da imagem mental do desenrolar da história. Para isso, descreva com clareza e de forma enfática as ações das personagens, ressaltando sentimentos e sensações. Fazendo isso, estamos estimulando a imaginação e a criatividade.

**Figura 4** – Apetrechos e amuletos



Fonte: iStock (c2024).

Mas, se achar necessário ou desejar usar tais recursos, tenha atenção para não abandonar o objeto, garantindo que faça parte integrante da história.

Podemos aproveitar os bonecos que as crianças tenham na escola ou em casa e acrescentar uma roupinha diferente: com um capuz vermelho, uma boneca logo se torna Chapeuzinho Vermelho.

Para construir apetrechos, você precisa de panos ou roupas que não use mais e material que pode ser reciclado, além de papel, cola e tesoura.

**FANTOCHES** são bonecos feitos da cintura para cima, com abertura para enfiarmos as mãos de forma a manipular os braços e a cabeça, movimentando os bonecos no decorrer da história.

**DEDOCHES** são fantoches que colocamos nos dedos. Você pode fazê-los de papel, elaborando seus próprios desenhos ou recortando imagens

de revistas, deixando um espaço para prendê-los em seus dedos. Podem ser feitos de crochê, tricô, ou de pano ou outro material semelhante. Sempre importante fazê-los de forma que possam ser vestidos em seus dedos. Eles são recursos interessantes, mas é preciso treino para lidar com eles de forma satisfatória. Ter um cenário pequeno com uma cortininha, por onde pode-se apresentar o fantoche, pode ser bastante interessante.

**Figura 5 e 6 – Dedoches**



Fonte: iStock (c2024).

Esse mesmo cenário pequeno pode ser usado para **BONECOS NO PALITO**, que podem ser feitos com o mesmo material dos dedoches (geralmente são feitos de papel, mas podem ter outros materiais), a diferença é de que se cola um palito de picolé no boneco, pelo qual são manipulados.

Tem o **TEATRO DE SOMBRAS**, bem fácil de fazer. Pega-se uma caixa, mais ou menos de 20cm x 30cm, o fundo é vazado, coberto com papel celofane, e são elaboradas as imagens que vão sendo mostradas enquanto a história acontece. Nesse caso, as imagens são feitas de papel e gruda-se um palito de picolé para melhor manuseio, mas essas imagens não precisam de detalhes, pois só as sombras aparecem.

**BONECOS** são sempre uma escolha interessante, podem dar mais vida à história, mas é extremamente necessário que não seja esquecido

durante a narrativa. O mesmo tratamento deve ser dado a outros apetrechos como: mala, tapete e outros que a sua imaginação crie.

Todos esses elementos podem ser comprados, mas é interessante quando são criados especialmente para uma história. Sem se esquecer de que são completamente desnecessários, pois a história depende apenas da voz, olhar e corpo de quem conta.

Quando quem conta ainda não se sente com segurança para essa ação, quando a timidez é grande ou quando se quer dar um aspecto teatral à contação, é possível usar amuletos. Os amuletos podem ser das mais variadas possibilidades: chapéu, lenço, xale, avental, fantasia, instrumento musical, entre outros que a sua imaginação possa gerar. Sempre é bom lembrar de que nada disso é necessário, mas também não é proibido.

Debatam na turma sobre o uso dos amuletos e apetrechos e escrevam abaixo as impressões sobre ambos.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Os apetrechos podem ser colocados numa mala mágica, encontrada em qualquer loja de variedades. A ideia é manter um clima de suspense e ir tirando aos poucos os elementos da contação: dedoches, fantoches, bonecos...

## CRIAR UM CENÁRIO

Criar cenário é uma ação acolhedora que promove a ambientação e encantamento da narrativa. Não precisa ser nada muito elaborado, colocar um avental, abrir um tapete ou um banner, cobrir a mesa com uma toalha diferente ou pôr uma toalha no chão e se sentar em círculo já produz um cenário diferente. O cenário pode ser mental ou físico.

**Figura 7** – Cenário criado



Fonte: registro da autora

- A. **Ambiente Mental:** uma descrição feita antes de contar uma história e que já faz parte do texto. Essa descrição pode ser minuciosa,

caso seja necessário na história, ou pode ser bem simples: “em um distante reino cercado por montanhas e vales bem verdes...” ou “numa vila ao pé de uma montanha com muito gelo em seu cume...” ou um simples “era uma vez...”.

A saudosa contadora de histórias baiana Betty Coelho (1999, p. 69) sugeria uma musiquinha assim:

Era uma vez  
Assim vai começar  
A linda história  
Que agora vou contar

Bata palmas, minha gente,  
Bata palmas outra vez,  
Bata palmas bem contente,  
Vou contar... era uma vez...

O mais importante é que as pessoas que vão ouvir a história se sintam bem-vindas!

- B. **Ambiente Físico:** pode ser construído com livros, bonecos, fantoches e uma linda toalha. Ou, ainda, caso não seja possível essa preparação, pode ser usado um simples avental reservado especialmente para esses momentos, ou um chapéu, um xale, algo tornando a ocasião especial, diferente do dia a dia e que seja um código disparador do momento de contar/ler. Tem quem use tapetes nos quais as histórias são contadas, ou livros de pano, ou imagens.

**DICA:** não há problema algum em usar um desses dois espaços ou usar os dois ao mesmo tempo, contanto que seja criado um momento especial para a contação/leitura.



## CONSTRUINDO REPERTÓRIO

A construção de repertório é uma parte que costuma ser bastante pessoal, afinal, cada pessoa se engaja em determinadas histórias e em outras, não... a história que te escolhe, lembra? Mas uma biblioteca diversificada sempre ajuda e, na atualidade, podemos contar com um grande acervo disponibilizado digitalmente, bem ao alcance de nossos dedos.

Para a construção de repertório, talvez uma das ações mais importantes seja ouvir. Ouça pais, mães, avós, avôs, tios e tias, vizinhos, contadores locais. Peça para contarem histórias e ouça com atenção. Esse é um repertório muito rico que ensina sobre quem somos e de onde viemos, mesmo que sejam repertórios muito eurocentrados, afinal, as histórias ensinam a entender quem somos e o que podemos ser.

**Figura 8** – Construindo repertório



Fonte: iStock (c2024).

Caso seja difícil encontrar livros em sua localidade, sempre podemos recorrer à internet, ali encontramos muitas obras disponibilizadas em sites governamentais. Tente encontrar histórias que satisfaçam os interesses da criança, dentro de seu tempo de desenvolvimento.

### Vamos à pesquisa:

Pergunte à maior quantidade de pessoas possível títulos de histórias que conheçam. Comece por suas próprias lembranças e vá escrevendo no espaço em branco abaixo. Com isso, você já estará montando seu repertório.

## RELAÇÃO HISTÓRIA E FAIXA ETÁRIA

Durante o século XX, o campo da Psicologia estudou o desenvolvimento da criança e muitas aprendizagens vieram disso. Atualmente, com o desenvolvimento de equipamentos de ressonância magnética na Medicina, principalmente no campo da Neurologia, a qual estuda o cérebro humano, muitas ideias se concretizaram e outras avançaram, corroborando tais conhecimentos com o que nossos ancestrais já faziam e diziam.

O especialista em Neurologia infantil, Cypel (2019), explica que o desenvolvimento infantil é moldado pelas interações entre adultos e crianças, e tal desenvolvimento ocorre no corpo e em comportamentos observáveis, por meio de aprendizados emocionais e sensoriais, ajudando a criança a viver no mundo. Por isso, para ele, o período de 0 a 3 anos é fundamental para o desenvolvimento de interações corpo a corpo. Aí entra a contação de histórias, pois essa ação ancestral demanda olho no olho e proximidade. Mas é certo que ler/contar histórias não é de interesse apenas dos pequenos, abrange todas as idades.

Fato é que, na atualidade, há um crescente interesse na compreensão sobre as funções e o poder dos contos nos processos psíquicos e educativos. O psiquiatra infantil francês Lafforgue (2002) defende que a prática do conto vai deixar no psiquismo da criança traços interiorizados, eventualmente reutilizáveis em situações conflitivas ou angustiantes.

A seguir, elencamos possibilidades de escolha de repertório, considerando aspectos ligados ao desenvolvimento cognitivo e funcional da criança. São reflexões e sugestões com base na produção da professora e pesquisadora Ana Mariza Ribeiro Filipouski e de Regina Zilberman, que, em 1982, produziu um quadro para ser utilizado como suporte teórico nas definições dos livros de literatura infantil, considerando o desenvolvimento cognitivo infanto-juvenil e o desenvolvimento da relação da criança com a leitura. As sugestões de histórias a serem contadas são apresentadas segundo o momento de desenvolvimento cognitivo de cada faixa etária.

Essas sugestões consideram os estudos da Psicologia e da Neurociência, mas, acima de tudo, procure conhecer melhor a criança para quem você irá contar ou ler as histórias, verificando rapidamente as características dos estágios de desenvolvimento, propostos por Piaget (1999), que servem de parâmetro para uma possível aplicação na leitura. É, também, relevante considerar tanto os gostos que a criança demonstra ao concentrar-se ou não numa determinada história, quanto a cultura local, sem abrir mão de oferecer histórias de outras culturas, no sentido de ampliar repertório. Para esse autor, a criança passa por fase de transição fundamental entre ação e operação, ou seja, entre aquilo que separa a criança do adulto. Aplicada ao desenvolvimento da leitura na criança, pressupõem-se, também, que o leitor passa por fases previamente determinadas, mas há sempre as exceções, as questões ligadas às necessidades especiais das crianças: problemas neurológicos, motores, intelectuais etc.

O mais importante de tudo dito até aqui é nunca perder de vista que a contação/leitura de histórias é arte, por isso deve primar pelo prazeroso e lúdico, nunca forçando a criança a ouvir/ler uma literatura que não lhe agrade, ou que ela não consiga acompanhar, sob pena de fazer com que não queira mais essa experiência.

Sua tarefa será pesquisar repertório de literatura escrita e oral para compor o quadro de sugestões, considerando o trabalho apresentado que congrega áreas do conhecimento como literatura, neurociência e psicologia.

## PRIMEIRA INFÂNCIA (ATÉ 3 ANOS, OU FASE-PRÉ-MÁGICA)

Nessa fase, inicia-se o desenvolvimento mental, do reconhecimento da realidade pelo tato, fase de descoberta de si mesmo e das pessoas ao seu redor, por isso, há muita necessidade de contatos afetivos, para que sejam explorados os sentidos do mundo e novas descobertas, por meio da conquista da linguagem, possível graças ao jogo simbólico. Nessa faixa etária, as crianças demonstram aumento constante de vocabulário, utilizam sentenças simples (formadas por três a quatro palavras), criam palavras para expressar suas necessidades. Gostam de bater palminhas, imitar gestos e sons. Gostam de dramatizar livremente. Gostam de ouvir os adultos repetir sílabas que pronunciam

e encontram grande satisfação em ouvir, pois as palavras valem pelo som que produzem. Interessam-se pouco pelo conteúdo das histórias, por não apreenderem a sequência lógica dos fatos. Gostam de ouvir narrativas curtas e rimadas e de observar gravuras e ouvir músicas. Sua atenção é dispersiva.

**Sugestões:** histórias de bichos; contos rítmicos que sejam leves, lúdicos, bem-humorados e curtos; histórias de repetição; histórias utilizando as mãos ou os dedos; histórias utilizando muitas imagens; histórias dramatizadas com sons e gestos.

### REPERTÓRIO PESQUISADO

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## PRIMEIRA INFÂNCIA (3 A 7 ANOS OU FASE MÁGICA)

Essa é uma fase lúdica, na qual predomina o pensamento mágico e, com ele, a criança aumenta, rapidamente, seu vocabulário e faz muitas perguntas. Geralmente querem saber a origem das coisas e compreender a si mesmos, pois é uma fase de muito egocentrismo e narcisismo. Por ser uma fase muito densa de aprendizados, pode ser dividida em duas:

### Idade 3 a 5 anos

Nessa faixa etária, as crianças encontram-se na fase do realismo imaginário. Para elas, a imitação representa a realidade e todas as coisas são

vivas e dotadas de intenções e sentimentos. É a fase em que conquistam a própria linguagem e fixam-se como ouvintes, assim, apresentam maior capacidade de concentração. Gostam de brincar com jogos, adivinhas e possuem maior compreensão da sequência lógica.

### Idade 5 a 7 anos

Nessa faixa etária, as crianças já possuem uma capacidade de expressão verbal mais desenvolvida e maior capacidade de concentração, sendo capazes de ouvir histórias por um tempo maior, bem como repetir sua sequência.

Ainda não há diferenciação da realidade externa e os produtos da fantasia infantil, mas já têm mais noção de limites e de certo ou errado. Entretanto, o tempo ainda não tem significação, não há passado nem futuro, a vida é o momento presente. Para Piaget (1999), essa é uma etapa animista, pois todas as coisas são dotadas de vida e vontade, assim, o elemento maravilhoso (como fadas, bruxas) começa a despertar interesse na criança.

**Sugestões:** contos sobre a origem das coisas; histórias de bichos; pequenos contos de fadas com enredo simples e poucas personagens, principalmente quando as personagens são crianças; história da vida real: crianças, famílias e comunidade; histórias acumulativas e de repetição; histórias de exemplos; histórias de objetos e animais humanizados; histórias improvisadas; histórias rítmicas e rimadas.

#### REPERTÓRIO PESQUISADO

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---





## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*. Tradução: Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença, 1998.

APIB - ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL. *Mulher Munduruku*, [20--?]. 1 fotografia. Disponível em: <https://apiboficial.org>. Acesso em: 2 maio 2024

ASPIRAÇÃO. In: MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/aspira%C3%A7%C3%A3o/>. Acesso em: 2 maio 2024.

A CUMBUCA de ouro e os marimbondos. *Cultura Genial*, [s. l.], c2017. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/contos-populares-comentados/>. Acesso em: 4 jan. 2024.

BEDRAN, Bia. *A arte de cantar e contar histórias: narrativas orais e processos criativos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BENJAMIN, Walter. *O contador de histórias e outros textos*. Tradução: Georg Otte e Marcelo Backes. 2. ed. São Paulo: Hedra, 2020.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSFUGUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. *Revista Sociedade e Estado*, [s. l.], v. 31, n. 1, p. 15-24, 2016.

BERNAT, Isaac. *Encontros com o griot Sotigui Kouyaté*. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 29. ed. Tradução: Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. MEC apoia enfrentamento ao bullying e violência nas escolas. *Ministério da Educação*, Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34487#:~:text=O%20bullying%2C%20tamb%C3%A9m%20>

chamado%20de,v%C3%ADtima%20e%20uma%20rela%C3%A7%C3%A3o%20de. Acesso em: 12 jan. 2023.

BROCKINGTON, Guilherme *et al.* Storytelling increases oxytocin and positive emotions and decreases cortisol and pain in hospitalized children. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, [s. l.], v. 118, n. 22, 2021. Disponível em: <https://www.pnas.org/content/118/22/e2018409118>. Acesso em: 15 fev. 2022.

BUSATTO, Cléo. *Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa*. Petrópolis: Vozes, 2003.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução: Ivo Cardoso. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos Tradicionais do Brasil*. 8. ed. São Paulo: Global, 2000.

CINDERELA Baiana | Quintal da Cultura. [S. l.: s. n.]. 2019. 1 vídeo (13min20s). Publicado pelo canal Quintal da Cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UKGmLuUSisU&list=PLm8q8s55OZIZjm7BbN26hcG9LTibNuPOJ&index=3>. Acesso em: 22 ago 2024.

COELHO, Betty. *Contar histórias: uma arte sem idade*. 10. ed. São Paulo: Ática, 1999.

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos*. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

COMO fazer um MAPA MENTAL de forma simples e rápida | Mapa Mental em 5 PASSOS. [S. l.: s. n.]. 2021. 1 vídeo (2min39s). Publicado pelo canal Estudar Fora. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rl23Ao4ccIE>. Acesso em: 22 ago 2024

COSTA, Edil Silva. O contador de histórias tradicionais: velhas e novas formas de narrar. In: MEDEIROS, Fabio Henrique Nunes; MORAES, Taiza Mara Rauen. *Contaço de histórias: tradição, poéticas e interfaces*. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2015. p. 29-38.

CYPEL, Saul. A importância das interações com os pais para o desenvolvimento infantil. [Entrevista cedida a] *Fundação Maria Cecília Souto Vidigal*. Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, São Paulo, dez. 2019. Disponível em: <https://biblioteca.fmcsv.org.br/biblioteca/importancia-interacoes-pais-desenvolvimento-infantil-saul-cypel/>. Acesso em: 22 jan. 2022

DESÍGNIO. In: MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/des%C3%ADgnio/>. Acesso em: 22 ago 2024.

FARIA, Rui Miguel Ventura do Couto Tavares de. O conto popular português. Porto: [Edição do Autor], 2009. Disponível em: [http://aleph.letras.up.pt/F?func=find-b&find\\_code=SYS&request=000193532](http://aleph.letras.up.pt/F?func=find-b&find_code=SYS&request=000193532) Acesso: 22 ago. 2024

FERNANDES, Frederico. Histórias da história da narração: o Centro-Oeste em perspectiva. In: MEDEIROS, Fabio Henrique Nunes; MORAES, Taiza Mara Rauen. *Contaço de histórias: tradição, poéticas e interfaces*. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2015. p. 113-125.

FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro; ZILBERMAN, Regina. *Érico Veríssimo e a literatura infantil*. Porto Alegre: UFRGS, 1982.

GARANHUNS, Valdeck. Teatro de mamulengo, um folguedo que conta histórias. In: MEDEIROS, Fabio Henrique Nunes; MORAES, Taiza Mara Rale. *Contaço de histórias: tradição, poéticas e interfaces*. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2015. p. 108-115.

GEPPPO — GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM POÉTICAS ORAIS. Contos da tradição oral. *Poéticas Oraís*, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://geppouefs.wixsite.com/uefs/contos-da-tradicao-oral>. Acesso em: 22 ago 2024

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.). *História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África*. 2. ed. Brasília, DF: UNESCO, 2010. p. 167-212. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190249POR.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2022.

HAN, Byung-Chul. *Hiperculturalidade: cultura e globalização*. 2. ed. Tradução: Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2019.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Tradução: Janaína Marcoantonio. 19. ed. Porto Alegre: L&PM, 2017.

ISTOCK. iStock, by Getty Images, c2024. Disponível em: <https://www.istockphoto.com/br>. Acesso em: 22 ago 2024.

JUNG, Carl Gustav. *O essencial da psicologia*. Tradução: Aglaé de Lima Fierli. São Paulo: Hunter Books, 2016.

KRENAK, Ailton. *O futuro é ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LAFFORGUE, Pierre. *Petit Poucet deviendra grand: soigner avec le conte*. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 2002.

LOBATO, Monteiro. *O ratinho, o gato e o galo*. São Paulo: Instituto LpC, 2020. Disponível em: <https://www.baixelivros.com.br/infantil/o-ratinho-o-gato-e-o-galo> Acesso em: 23 jun. 2024.

MACEDO, Roberto Sidnei. *Currículo: campo, conceito e pesquisa*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MATOS, Gislayne Avelar. *A palavra do contador de histórias*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

MOUTINHO, José Viale. *Contos populares de Angola: Folclore Quimbundo*. 3. ed. São Paulo: Aquariana, 2012.

MUNDURUKU, Daniel. A história de uma vez: um olhar sobre o contador de histórias indígena. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MORAES, Taiza Mara Rauen. *Contação de histórias: tradição, poéticas e interfaces*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015. p. 21-28.

OLIVEIRA, Rosemary Lapa de. *Guia de contação de histórias*. [s. l.]: PNA, 2022. Disponível em: [https://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/guia\\_de\\_contacao\\_de\\_historias.pdf](https://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/guia_de_contacao_de_historias.pdf). Acesso em: 22 ago 2024.

OLIVEIRA, Rosemary Lapa de. *Pedagogia da rebeldia e o enleituramento*. Curitiba: Appris, 2019.

PIAGET, Jean. *Seis estudos de psicologia*. Tradução: Maria Alice Magalhães D' Amorim, Paulo Sérgio Lima Silva. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

SANTOS, Toni Edson Costa. *Narrativas na rua: da inspiração Djeli às rodas de histórias em Maceió*. 2016. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SIMONSEN, Michèle. *O conto popular*. Tradução: Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. 3. ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

SUZUKI, Wendy; FELIÚ-MÓJER, Mónica Ivelisse; HASSON, Uri; YECHUDA, Rachel; ZARATE, Jean Mary. Dialogues: The Science and power of storytelling. *Journal of Neuroscience*, [s. l.], v. 38, n. 44, 2018. Disponível em: <https://www.jneurosci.org/content/38/44/9468.full>. Acesso em: 30 jun. 2023

WIKIMEDIA COMMONS. *Cuevas de las Manos, Río Pinturas*. 2005. 1 fotografia.

YONG, Jo. *Em busca da feição real*. Tradução: Jae Hyung Woo. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

YOUTUBE. YouTube, [s. l.], c2005. Página inicial. Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso em: 22 ago 2024.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Tradução: Jerusa Pires Ferreira, Suelly Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

### Pequeno glossário de gêneros textuais para a contação de histórias:

Há muito tempo a contação de histórias vem sendo estudada. Câmara Cascudo (2000) faz um histórico bem rico e Coelho (2012) o amplia. Outros autores debruçam-se sobre essa pesquisa. Esses e demais autores que estudam os contos populares baseiam-se no método **Aarne-Thompson-Uther (Índice ATU)**, que é um catálogo de tipos de contos populares usados em estudos de folclore.

Segundo as pesquisas de doutoramento de Rui Miguel Ventura do Couto Tavares de Faria (2009), pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 1910, Antti Aarne (1867-1925) apresenta uma classificação e uma bibliografia para os contos populares, considerando o critério histórico-geográfico. Em 1928, Stith Thompson acrescenta à essa, numa catalogação tipológica de raiz filológica e histórico-geográfica que abrange contos de mais regiões, propondo uma universalização da catalogação. Em 2004, Hans-Jörg Uther veio instituir um sistema renovado de classificação internacional do conto popular, redundando na tipologia Aarne – Thompson – Uther (ATU). Essa classificação eliminou ou mitigou as falhas da tipologia Aa-Th, apresentando-se como uma ferramenta que permite, efetivamente, uma rápida localização dos diferentes tipos internacionais, fornecendo uma orientação histórico-literária comparativa para os estudiosos do conto popular.

A despeito desses e de outros tantos estudos a esse respeito, ainda circulam socialmente as designações que aqui seguem e que não têm a pretensão de esgotar o assunto ou mesmo tratá-lo de forma mais expressiva, são algumas definições que podem ajudar no entendimento dessas histórias, no intuito de imersão na arte da narrativa.

**CONTO** – segundo Câmara Cascudo (2000, p. 22), “os contos variam infinitamente, mas os fios são os mesmos”. Segundo Michèle Simonsen (1987), o conto é um relato em prosa de acontecimentos fictícios

e dados como tais, feito com a finalidade de divertimento. Diz, ainda essa autora, que o conto está ligado à oralidade, à fictividade e ao tradicional. Essa designação genérica encontra muitas subdivisões no catálogo ATU que aborda uma divisão universal, abrangendo várias culturas, considerando que o conto popular tem existência independente, isto é, a narrativa não estabelece qualquer dependência com outras narrativas, é um todo. Pode, porém, ser narrado com outro conto, permitindo o surgimento de tipologias híbridas, ainda assim, tem a capacidade de persistir na tradição com independência. Abrange todos os contos populares.

**CONTO DE FADAS** – são histórias em que aparecem fadas, bruxas, duendes, seres míticos que têm poderes mágicos. No índice ATU são chamados de contos maravilhosos, abrangendo outras representações mágicas que não bruxas e fadas. Inclusive, essas personagens são bem específicas da cultura celta e foram popularizadas, segundo Nelly Coelho, por Mme. D'Aulnoy, com a História de Mira, em 1690. A partir do sucesso alcançado, ela escreveu mais outras histórias de fadas, difundindo uma história bem simples de bem x mal – fada x bruxa. Essas histórias, têm como característica mais específica, segundo Coelho, uma problemática ligada ao espiritual, ético, existencial, sempre envolvendo o amor, enquanto outros contos tratam de questões mais contextuais.

**PARÁBOLA** – Câmara Cascudo (2000) classifica como contos religiosos contos de intervenção divina. As parábolas, especificamente, estão ligadas à cultura judaico-cristã, mas não só as religiões bíblicas apresentam tais contos. Ainda segundo Câmara Cascudo, os africanos de Angola denominam esses tipos de contos de Ji-sabu. Enfim, os contos religiosos são encontrados em todas as culturas e são tidos como verídicos, relatando feitos de santos, deuses, entidades míticas etéreas. Às vezes contam histórias de vida, às vezes de passagens de sua existência que se tornam significativas. Têm sempre um forte apelo ético.

**FÁBULA** – também chamado de apólogo, na acepção clássica, segundo Nelly Coelho, são contos que retratam o desejo de naturalidade e

ingenuidade descomprometidas com a civilização, por isso, expressa frequentemente por meio de animais, mas podem aparecer seres humanos ou seres naturais (fenômenos da natureza ou objetos). O que o torna mais particular é a atribuição a seres não humanos o dom da palavra (conferir a clássica abertura “no tempo em que os animais falavam...”) ou fazendo-os personificar vícios e virtudes humanos, ou seja, a antropomorfização. Prima pelas formas simples, apelando ao ambiente rural e a personagens vinculadas ao campo, tenham aparência humana ou animal.

**MITO** – segundo Michèle Simonsen (1987), o mito está ligado a um ritual, tem um conteúdo cosmogônico, ou seja, explica a origem das coisas que existem, por isso, pode ter um tom religioso. Ainda essa autora diz que o mito simboliza as crenças de uma comunidade e os acontecimentos fabulosos tidos como verídicos. Câmara Cascudo (2000) adota a terminologia contos etiológicos, aqueles que foram inventados para explicar e dar a razão de ser a um aspecto, propriedade, caráter de qualquer ente natural. Há um tratamento de veracidade ao mito que se restringe à população que o produz, sofrendo vários preconceitos por outros povos, considerando os arranjos sociais locais e globais.

**LENDA** – Para Michèle Simonsen (1987), é o relato de acontecimentos tidos como verídicos, igual ao mito, porém difere desse, por não estar atrelado à questão religiosa. Segundo essa pesquisadora, a lenda tem conteúdo muito heterogêneo, pode estar ligado a entes sobrenaturais: fadas, sereias, duendes, espíritos ou personagens e acontecimentos locais e tangíveis (a lenda da Vitória Régia, por exemplo, ou a loira do banheiro).

Existem ainda os contos muito populares que tratam do demônio logrado, no qual o demônio ou a morte são vencidos pelos seres humanos, ou enganados, estendendo, assim, a vida. Ou os contos de adivinhação ou com fim jocoso.

Independente do teor ou de qualquer classificação dada ao conto, o mais importante é que ele diga algo a quem o conta e que reverbere em quem o ouve.

## MINICURRÍCULO

Rosemary Lapa de Oliveira, Doutora e pós-Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Letras e Linguística UFBA. Especialista em Gramática e Texto pela Universidade Salvador (UNIFACS), Especialista em Psicanálise pelo Centro de Ensino Superior Dom Alberto, Aperfeiçoamento em Literatura Infantil. Graduada em Letras Vernáculas com Inglês e suas literaturas pela Universidade Católica de Salvador (UCSAL). Professora Plena do Departamento de Educação – Campus I, Salvador, na área de Didática. Contadora de histórias, pesquisadora, líder do Grupo de Pesquisa e Estudo em Leitura e Contação de Histórias (GPELCH), atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC/UNEB).

**Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/8500738535425593>.

**E-mail institucional:** [rloliveira@uneb.br](mailto:rloliveira@uneb.br).

